

CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE AGRICULTORES DE CAMPINA GRANDE E REGIÃO

Ramon Quaresma Zeferino ¹
Juciely Gomes da Silva ²
Rayane Ellen de Oliveira Jerônimo ³
Camila Firmino de Azevedo ⁴

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar no Brasil é responsável pela produção de uma variedade alimentos, tais como: feijão, milho, arroz, mandioca, trigo, leite, e pela criação de bovinos, aves e suínos, sendo fundamental para a economia brasileira (MDA, 2018).

O fortalecimento da agricultura familiar no Brasil veio com a criação da chamada Lei da Agricultura familiar, a lei N° 11.326, de 24 de julho de 2006. Tal lei estabeleceu as diretrizes da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais, definiu o que seria agricultor ou agricultora familiar, e, dentre outros aspectos, determinou que a sustentabilidade, a pesquisa e a extensão rurais são fundamentais para o desenvolvimento da agricultura familiar (BRASIL, 2006).

De acordo com o censo agropecuário do IBGE realizado em 2006, a agricultura familiar na Paraíba possui 148.077 estabelecimentos agropecuários, que ocupam uma área de 1.596.273 hectares, sendo responsável neste estado por uma significativa parcela na produção de vegetais tais como milho, feijão, mandioca, de bovinos e suínos (FRANÇA et al., 2009), notando-se a importância que a mesma possui para a economia e cultura do Estado. Porém, a agricultura familiar é de suma importância não somente na Paraíba, mas também possui uma grande importância para o mundo, destacando-se seu papel na conservação da biodiversidade de várias espécies, em contraste com as grandes monoculturas de grandes produtores que detêm milhões de hectares ao redor do planeta (ALTIERI, 2009).

A agricultura familiar necessita de investimentos e políticas públicas para seu fortalecimento, contribuindo-se para uma sociedade socialmente mais justa e ecologicamente correta (BROCH; TARTELLI; STÉDILE, 2009).

¹Mestrando em Ciências Agrárias da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ramonqzeferino@yahoo.com.br;

²Mestranda em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, jucielygomes07@hotmail.com;

³Mestranda em Ciências Agrárias pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, rayanneoliveirar67@live.com;

⁴Doutora em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, cfdeazevedo@gmail.com;

O presente trabalho tem como objeto de estudo caracterizar e analisar brevemente a produção de agricultores por meio de entrevistas realizadas na cidade de Campina Grande, Paraíba.

METODOLOGIA

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas com 104 agricultores em feiras na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, utilizando-se questionários semiestruturado. O IBGE (2017) afirma que a região de Campina Grande faz parte da atual divisão das Regiões Geográficas Imediatas da Paraíba. As questões versavam sobre a produção agropecuária dos agricultores, que estavam cientes da sua participação em uma pesquisa científica por meio dos dados obtidos com as entrevistas, tendo seus nomes não divulgados na mesma. Os dados das entrevistas foram computados por meio de estatística descritiva e tabulados usando-se o software Excel, organizados em gráficos que mostravam as porcentagens das respostas dos agricultores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 104 agricultores, sendo 54,8% homens e 45,2% mulheres. Com respeito a idade, 18,26% tinham entre 18 a 23 anos, 15,38% entre 24 a 29 anos, 18,26% entre 30 a 35 anos, 7,69% entre 36 a 41, 8,65% entre 47 a 52 anos, e 25% tinham 53 anos ou mais. Quanto ao estado civil 40,38 se declararam solteiros, 48,07% eram casados, 5,76% eram viúvos e 5,76% possuíam outro estado civil. Com relação ao tempo em que eram produtores, 18,26% disseram que a menos de cinco anos, 17,3% eram entre 5 a 10 anos, 16,34% entre 11 a 20 anos, e 48,07% a mais de 20 anos. No que se refere ao tipo de produção, 20,19% responderam que era agroecológica, 37,5% orgânica, 36,53% convencional, e 5,76% não respondeu. Em relação ao tempo em que os agricultores tinham esse tipo de produção 37,5% respondeu que desde sempre, 19,23% a menos de 5 anos, 14,42% entre 5 a 10 anos, 11,53% entre 11 a 20 anos, e 17,3 a mais de 20 anos.

Os agricultores também foram questionados a tipo de produção de animais e derivados, e constatou-se que 66,34% produziam aves, 38,46% produziam bovinos, 20,19% suínos, 20,19% caprinos, 20,19% ovinos, 2,88% coelhos, 2,88% leite, 5,76% mel e 2,88% outro tipo de produto. Quanto a produção vegetal, 53,84% produziam hortaliças, 39,42% sementes e

grãos, 75,96% plantas medicinais, 37,5% frutíferas, 25,96% tubérculos/raízes, 5,76% temperos, 8,65% mudas, e 3,48% outros produtos vegetais.

Com respeito a finalidade ao cultivo de plantas medicinais, 8,86% produzem para venda, 97,46% para consumo, 15,18% produzem para controle de doenças em animais, 16,45% para controle de doenças e pragas na produção vegetal, e 1,26% para outros fins. Vale salientar que os entrevistados podiam responder mais de uma alternativa em relação a finalidade de cultivo, produzindo, por exemplo, tanto para consumo quanto para controle de doenças em animais.

Quando perguntados sobre o desenvolvimento de pragas ou doenças nas plantas medicinais cultivadas, 46,83 disse que sim e 53,16% disse que não, em caso positivo para o tratamento das plantas medicinais, 10,81% usa algum tipo de inseticida, 5,4% herbicida, 21,62% extratos de plantas, 10,81% biofertilizantes, 16,21% caldas naturais, e 34,21% outros métodos. Quanto ao uso de plantas medicinais para o controle de doenças em praga em alguma cultura, os agricultores disseram que já fizeram uso da arruda (*Ruta graveolens*) como inseticida, do nim (*Azadirachta indica*) para controle do mofo e de lagartas, do manjeriço (*Ocimum basilicum*) para controle dos mosquitos, da hortelã para controle de borboletas e pulgões, citronela (*Cymbopogon nardus*) como inseticida, do extrato de mamona (*Ricinus communis*) para formigas, do capim santo (*Cymbopogon citratus*) para carrapato, do cravo de defunto (*Tagetes erecta*) para controle de nematóides, e do fumo (*Nicotiana tabacum*) para controle da cochonilha.

Notou-se na pesquisa a grande quantidade de mulheres agricultoras, demonstrando o protagonismo da mulher na agricultura familiar, embora muitas vezes não haja a devida valorização da mulher na mesma (SILIPRANDI, 2007). Podemos ainda citar o envelhecimento dos agricultores, visto pela idade da maioria dos entrevistados. Segundo Castro e Ferreira (2017), a permanência da juventude no campo deve implicar em oportunidades e qualidade de vida para os mesmos. Duque e Araújo (2011) ressaltam a importância da juventude no Semiárido paraibano, estando presente nas diversas áreas agropecuárias (produção de sementes, criação animal, produção vegetal, dentre outras), sendo atuante em questões de suma importância na sociedade como a de gênero e a importância da mulher na agricultura. Os autores ressaltam que é necessário apoio governamental para a permanência digna da juventude no campo no campo.

A maioria dos agricultores declarou serem agricultores orgânicos ou agricultores convencionais. Portanto, ao mesmo tempo em que se nota uma grande presença da agricultura orgânica no modo de produção dos entrevistados, também se observa a necessidade do

crescimento da mesma, potencializando-se a aproximação entre agricultura e cuidado com o meio ambiente.

Os agricultores entrevistados demonstraram terem cultivos de várias espécies vegetais e criarem várias espécies animais, comprovando-se então o papel da agricultura familiar na conservação da biodiversidade do mundo.

O uso de plantas medicinais por agricultores demonstrou a busca por formas alternativas de tratamento, dando maior autonomia aos agricultores para o cuidado com sua saúde, e ainda uma diversidade de saberes sobre plantas medicinais, indicado pela variedade de espécies cultivadas. A horta caseira de plantas medicinais pode ser um espaço de recuperação de saberes sobre as mesmas, assim como de educação ambiental e aproximação dos seres humanos com a natureza (BORSATO et al., 2009). O uso de plantas medicinais para tratamento em pragas ou doenças em culturas por agricultores, demonstra o uso de tratamentos alternativos que podem ser feitos com as plantas medicinais cultivadas pelos próprios agricultores, dando mais autonomia aos mesmos, e, se feito corretamente, não trazendo danos a sua saúde e ao meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande necessidade de assistência técnica para agricultura familiar no Brasil, e, mais localmente, a ocorrência de secas nos últimos anos na cidade de Campina Grande, prejudicando a produção agropecuária da região, são alguns fatores que indicam o quão urgente é seu fortalecimento, o qual pode se dar inclusive por meio da manutenção e expansão de políticas públicas voltadas à agricultura familiar, assim como por assistência técnica especializada, da pesquisa e extensão acadêmicas, sendo estes apenas alguns exemplos. A presente pesquisa demonstrou a grande capacidade de produção aliada a conservação da biodiversidade que a agricultura familiar possui. Nota-se ainda que investimentos necessários à agricultura familiar, já promulgados inclusive por lei, contribuíram em muito para toda a sociedade.

Palavras chave: Agricultura familiar plantas medicinais; biodiversidade.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia:** bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

BORSATO et al. **Plantas medicinais e agroecologia: uma forma de cultivar o saber popular na região de Corumbá, MS.** Corumbá: Embrapa Pantanal, 2009. (Documentos 103)

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006.** . Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, 2006, http://www.agroecologia.org.br/files/2017/09/144174_politica-nacional_WEB.pdf

BROCH, A., TARTELLI. A.; STÉDILE, J. P. **A Agroecologia e os movimentos sociais do campo.** In: Agricultura familiar camponesa na construção do futuro. Paulo Petersen (org). Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

CASTRO, E. G. de; FERREIRA, A. T. **JUVENTUDE E AGROECOLOGIA: A CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA POLÍTICA E A EXPERIÊNCIA DO PLANAPO.** IN: **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil : uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável.** SAMBUICHI, R. H. R.; MOURA I. F. de; MATTOS. L. M. de; ÁVILA; M. L. de; SPÍNOLA; P. A. C; SILVA. A. P. M; de. Brasília, http://www.agroecologia.org.br/files/2017/09/144174_politica-nacional_WEB.pdf. Acesso em 07/06/2022.

DUQUE, G. & ARAÚJO, M. G. O protagonismo da juventude no semiárido: a experiência do Coletivo Regional do Cariri, Seridó e Curimataú (PB) Batista de Araújo. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.8, n.1

FRANÇA, C. G. de; DEL GROSSI, M. E.; MARQUES, V. P. M. A. **O censo agropecuário 2006 e a agricultura familiar no Brasil** Brasília: MDA, 2009

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias.** Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2017. 82p

SILIPRANDI, E. **Agroecologia, Agricultura Familiar e Mulheres Rurais.** Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007.